

PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Mauro BETTI*

Nosso ginásio é pintado em tonalidades alegres e brilhantes, que produzem a sensação de um agradável e fresco espaço aberto. O chão é pintado de modo a parecer com pedaços de um gramado artificial. Os aparatos e simuladores pintados em cores brilhantes atraem as crianças (...) usamos um som barulhento e um sistema automático de cores na forma de luzes de trânsito (vermelho, âmbar e verde), simultaneamente a sinais sonoros de três segundos. Vermelho significa que a atividade deve ser interrompida, âmbar denota uma mudança nas atividades, e verde indica o desempenho dos exercícios. Nossa prática indica que as crianças são facilmente adaptáveis a esse sistema de controle das aulas e que sua excessiva emocionalidade e nervosismo desaparecem. A maior parte da aula é executada em linha, num padrão de circuit-training (...). Dois alunos ficam ativos em cada estação (...) e o tempo ocioso é virtualmente excluído. Os sinais de luzes e som tornam o instrutor livre da necessidade de vozes de comando e de chamar à ordem os escolares (...). Quando infusões de erva (...) são pulverizadas, o meio aéreo se enche de aromas voláteis. (Avramenko, V.A., 1990, p. 4-5).

INTRODUÇÃO

A Educação Física no primeiro e segundo graus proclama insistentemente seu papel educativo, mas seus professores não conseguem explicitar claramente os propósitos da disciplina. Quando buscam esta explicitação confundem seus objetivos com as próprias finalidades da educação enquanto um fenômeno mais amplo; por exemplo, o "desenvolvimento integral da personalidade". Ora, este é um objetivo geral, abstrato, alcançável a longo prazo e não observável diretamente (Faria Júnior, 1981), que deve ser perseguido por todos os envolvidos no ambiente escolar (direção, professores, funcionários, etc.), e será resultado da soma destes esforços. Pode-se colocar em dúvida se a nossa sociedade propicia as condições necessárias para promover aquele desenvolvimento, se o objetivo não é cínico numa sociedade estruturalmente desigual e injusta. Contudo, esta questão será colocada à margem, pois o alvo prioritário deste artigo é discutir a especificidade dos objetivos da Educação Física.

Parece-nos claro que a Matemática, a Geografia, etc. tem seus próprios objetivos mais ou menos delimitados, mas na Educação Física não se tem esta clareza, e aí surgem as querelas entre os teóricos que abordam o tema. O objetivo deste trabalho é expor o fulcro desta disputa, demonstrar que ela leva a um impasse teórico aparentemente intransponível e, a partir da introdução do conceito de cultura física propor uma solução teórica para a questão, com profundas implicações práticas.

*Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista - Rio Claro.

Vamos extrair da literatura sobre o assunto dois autores estrangeiros que se posicionam conflitantemente com relação à definição dos objetivos da Educação Física: Demel (1978) e Simri (1979).

Uriel Simri, um israelense, denuncia a ambição dos objetivos educacionais normalmente atribuídos à Educação Física: estabilidade emocional, desenvolvimento físico e orgânico, auto-realização, etc. De fato, muitos destes objetivos aparecem expressos em inúmeros planejamentos de ensino de professores de primeiro e segundo graus que já tivemos em mãos. Contudo, estes objetivos não foram estabelecidos sobre bases científicas, mas sobre aspirações ideais, e dificilmente podem ser comprovados, o que poderia por em perigo até a própria existência da disciplina. Daí a conclusão lógica é propor objetivos "baseados numa contribuição específica, demonstrada em bases científicas" (p.43), ou seja, "o desenvolvimento do corpo e sua capacidade motora" (p.42).

Mas é Maciel Demel, um polonês, quem fez o dedo na ferida. Segundo ele, os pedagogos incluem a educação física na educação mais pelo dever de satisfazer formalmente o postulado da "educação global", já que ela auxilia a educação moral, estética e intelectual. "Assim, segundo os pedagogos, a função pedagógica da educação física funda-se sobre coisas não específicas da educação física" (p.56). Ou seja, os objetivos específicos da educação física ficam fora da educação, e lá ficarão enquanto estes objetivos forem diretamente orientados para o corpo, pois pode-se "formá-lo, aperfeiçoá-lo, mas não se pode educá-lo", porque "somente a personalidade é objeto da educação e nada mais" (p.56). Acreditamos não ser necessária uma demonstração exaustiva de que estas afirmações de Demel atendem a premissas (mais ou menos consensuais) da Filosofia da Educação.

Criou-se o impasse: se orientam os objetivos da Educação Física para a formação global da personalidade, eles se dispersam e perde-se a especificidade da Educação Física. Se eles dirigem-se para o corpo, tornam-se estranhos à Pedagogia, pois a Educação Física é uma disciplina dentro de um contexto escolar, e portanto tem que possuir ligações com a Pedagogia.

Para Demel, adotar uma concepção instrumental, do tipo educação pelo trabalho, educação pela arte, ou educação pelo movimento é uma forma de fugir do problema, pois "parte dos meios e não das intenções e não tem nada em comum com a axiologia e a teleologia educativas, não dita metas para o futuro, mas rende-se passivamente à realidade e ao instrumento encontrado" (p 56).

A educação, verdadeiramente, deve formar o homem para a vida, e isto implica em valores (axiologia) e metas (teleologia). Nossos alunos de primeiro grau serão adultos no século XXI; que formação e instrumentos lhes daremos hoje? Que projeto de sociedade temos para eles? Onde se encaixa a Educação Física neste projeto? De que lhes servirá a Educação Física que lhes proporcionamos?

Em nosso meio, a polêmica não é tão aberta, mas basicamente é a mesma, e adota a sofisticação terminológica da educação do movimento ou educação pelo movimento. Fundamentação das respectivas correntes podem ser encontradas em Freire (1982, 1989), Tani (1987) e Tani et alii (1988).

A educação do movimento atende à necessidade teórica de situar o corpo e as capacidades motoras como centro de objetivos, mas esquece a personalidade. A educação pelo movimento fica, também teoricamente, mais próxima da ação sobre a personalidade, mas fez em plano perigosamente secundário os objetivos específicos da Educação Física.

Exatamente parece-nos que ser adepto de uma ou outra corrente não soluciona o impasse porque ele é teórico, e o máximo que podemos fazer é, na prática, privilegiar uma ou outra como ponto de referência no planejamento e organização das atividades. Felizmente, nossos alunos não se envolvem nestas querelas; eles correm, pulam, gritam, chutam e chutam-se; enfim, educam seus movimentos e educam-se com eles, sem qualquer partidarismo.

Parece, portanto, que algo fica faltando neste debate, principalmente porque ele não atende a uma discussão axiológica e teleológica; algo que supere a esterilidade da discussão e a integre numa dimensão maior. Não se trata de escolher entre a educação do movimento ou educação pelo movimento, mas de responder à questão: Educação Física para que? Isto relaciona-se aos valores e finalidades que se visualizam na Educação Física enquanto um fenômeno educativo. É aí que o conceito de *cultura física* começa a apontar o caminho.

A cultura física e os objetivos da Educação Física

Na literatura em língua portuguesa, o conceito de *cultura física* aparece em Feio (s.d.) como "parte da cultura geral" (p. 39) que:

integra todas as conquistas materiais (equipamentos, estádios, piscinas, zonas verdes desportivas, materiais didáticos) e espirituais (ética desportiva, relações com a literatura, artes plásticas, cinema, dança, música, expressão corporal, etnografia, história, ocupação de lazeres) relacionados com os interesses físico-culturais da sociedade (p 42).

Em Pereira (1988) a cultura física é entendida como "toda a parcela da cultura universal que envolve o exercício físico, a educação física, a ginástica, o treinamento desportivo, a recreação física ativa, a dança, etc" (p.20).

Na literatura proveniente da Academia da Cultura Física de Varsóvia, que no nosso entendimento tem realizado a mais promissora reflexão sobre o tema, o conceito de cultura física é o elemento central da teoria da Educação Física polonesa. Para Krawczyk (1980) as relações entre esporte e cultura admitem dois níveis de análise. No primeiro, o esporte e a cultura física são partes da totalidade da cultura humana- o esporte é definido pela cultura e ao mesmo tempo é um elemento que a define, numa relação dialética. No segundo, o esporte é considerado um segmento definido da realidade cultural, qual seja, o domínio dos valores e padrões da cultura física. A cultura física é um conjunto codificado de valores relativos ao corpo, e envolve três círculos semânticos: cultura física pessoal, comunidade cultural e correlatos materiais desta cultura (Demel, 1978).

O polonês Demel (1978) relaciona brilhantemente o conceito de cultura física com os objetivos da Educação Física. A primeira consideração é a de que, para não fechar completamente o caminho da Educação Física para a pedagogia, é preciso orientar os objetivos não diretamente para o corpo, mas indiretamente, através da ação sobre a personalidade:

a educação física deve dominar todas as esferas da personalidade: intelectual e afetiva, as da vontade e do comportamento. Se o alcançarmos, toda a personalidade do aluno será dirigida para metas específicas, isto é, para o funcionamento do corpo dentro da esfera da cultura física (p 56).

Os objetivos da Educação Física devem ser expressos, inicialmente, com relação aos domínios da personalidade, e em segundo lugar nas categorias somáticas (habilidades, capacidades físicas, etc.). É a que se refere a "personalidade"? Aos motivos, atitudes, comportamento, intelecto, vontade e emoção. Somente assim a Educação Física torna-se uma educação real porque refere-se à personalidade, mas ao mesmo tempo guarda sua especificidade, porque dirige a personalidade "sobre a esfera somática, sobre o corpo e todos os valores ligados a ele" (Demel, 1978, p.57).

Nesta perspectiva, a Educação Física passa a ter a função pedagógica de integrar e introduzir o aluno de primeiro e segundo graus no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica...).

A um impasse teórico deu-se uma solução teórica. Mas uma "teoria aparentemente abstrata pode ser frutífera na prática" (Demel, 1978, p. 57). A noção de cultura física permite construir os seguintes passos: da axiologia (mundo dos valores) para a teleologia (objetivos diretivos) e daí para o programa de Educação Física.

As implicações para o desenvolvimento do programa são claras. Não basta correr ao redor da quadra; é preciso saber porque se está correndo, como correr, quais os benefícios advindos da corrida, qual intensidade, freqüência e duração são recomendáveis. Não basta aprender as habilidades motoras específicas do basquetebol; é preciso aprender a organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (e portanto é preciso também que os alunos aprendam a interpretar e aplicar as regras por si próprios), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo a ser aniquilado, pois sem ele simplesmente não há jogo... É preciso, enfim, que o aluno seja preparado para incorporar o basquetebol e a corrida na sua vida, para deles tirar

o melhor proveito possível.

Os últimos Jogos Olímpicos foram assistidos por bilhões de pessoas através dos meios de comunicação de massa. Que contribuição a Educação Física pode dar para o melhor usufruto deste espetáculo cultural? É instrumentalizando o aluno para reconhecer e analisar as técnicas de diferentes modalidades, ou simplesmente distinguir o lançamento do disco do lançamento do martelo; é formando o aluno para apreciar a beleza estética do movimento numa coreografia de ginástica artística ou numa bela jogada do gol no futebol; é fornecendo ao aluno as informações políticas, históricas e sociais para que ela possa analisar criticamente os boicotes, o *chauvinismo*, a violência nos campos e o *doping*. Visualizasse, então, até mesmo um conteúdo teórico nos programas de Educação Física.

É preciso enfim levar o aluno a descobrir os motivos para praticar uma atividade física, favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para com a atividade física, levar à aprendizagem de comportamentos adequados na prática de uma atividade física, levar ao conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto de todas as informações relacionadas às conquistas materiais e espirituais da cultura física, dirigir sua vontade e sua emoção para a prática e apreciação do corpo em movimento.

Com isto, a especificidade dos objetivos da Educação Física, tão justamente reclamada por alguns e criticada por outros reencontra o seu lugar, porque ligada a uma axiologia e teleologia educativas, que ditam metas para o futuro e conferem à Educação Física uma função pedagógica-social.

Acreditamos que fica assim superada a dicotomia educação do movimento *versus* educação pelo movimento ou objetivos específicos *versus* objetivos gerais. São aspectos que se relacionam dialeticamente dentro da cultura física, como duas faces de uma só moeda, não podendo, portanto, ser compartimentalizados ou hierarquizados, exceto sob o ponto de vista estritamente operacional, num segmento específico da aula ou do programa de Educação Física.¹

Visualizam-se também implicações políticas, pois o aluno - futuro cidadão - verá no acesso e usufruto da cultura física um direito de todos, conseqüentemente criando uma demanda social que só poderá ser atendida com uma política adequada, principalmente no que concerne à democratização do acesso a instalações, equipamentos e orientação profissional, já que um dos componentes da cultura física diz respeito aos seus correlatos materiais.

Acreditamos também, que dessa maneira
faz-se com que o aluno avance ao nível de sujeito consciente e ativo, que se aperfeiçoa por auto-educação (...) chega-se assim à continuidade de tudo o que o aluno aprendeu na escola - nós o ajudamos a passar da esfera do dever à esfera dos costumes (Demêl, 1978, p. 56).

Perspectivas para a década de 90

A citação que encabeça o nosso trabalho configura um cenário futurista. Contudo, trata-se de uma experiência real, recentemente desenvolvida na União Soviética. Trata-se de uma corrente que se auto-denomina "promoção da saúde", conferindo um novo colorido e uma visão mais crítica e social ao velho conceito higienista da Educação Física. No exemplo específico, é uma proposta muito próxima ao que conhecemos por Educação Física Adaptada ou Especial, mas com um forte enfoque na prevenção. É uma das vertentes pela qual deverá enveredar a Educação Física, internacionalmente, nas próximas décadas. Embora incipientemente, já começa a exercer a sua influência no Brasil (e.g. Faria Júnior, 1990). Mas não será este o modelo hegemônico da Educação Física na década de 90, nem qualquer outro. Muito provavelmente, teremos uma multiplicidade de propostas, na teoria e na prática. A consolidação de uma ciência da motricidade humana ou ciência do movimento, necessariamente interdisciplinar, favorecerá a interface com outras áreas, já que o movimento corporal como meio não é exclusivo da Educação Física. A Psicologia, por exemplo, utiliza-se cada vez mais de terapias corporais, para não falar da Fisioterapia. Na Escola, a Educação Artística, que vem sendo repensada sob o rótulo de "Arte-Educação", é uma disciplina cujas fronteiras com a Educação Física começam a se dissipar, por

conta de dois fenômenos: a concepção do movimento corporal como expressão, e sua dimensão lúdica, comuns às duas disciplinas. Por isto, uma interação entre as duas áreas é imperativa. Ou nos tornaremos apenas professores de esportes? Estas tendências são coerentes com o conceito de cultura física que delimitamos anteriormente, pois a diversidade de métodos e conteúdos é desejável, se permitem um acesso pleno à cultura.

Será necessário repensar profundamente a Educação Física no segundo grau. Caviglióli (1976), num belíssimo estudo, demonstrou como os secundaristas perdem progressivamente o interesse pela Educação Física, pois suas aspirações, diante da vida e da própria Educação Física, mudam, mas a Educação Física continua a seguir o mesmo modelo do primeiro grau. Um modelo de Educação Física para o segundo grau baseado na teoria do lazer parece ser um bom caminho. Vale lembrar que o esporte e a dança, assim como a cultura, a escola e a educação procedem, historicamente, da mesma fonte - o lazer (Maheu, 1973). O lazer (e o jogo) fazem a intermediação entre a Educação Física e a cultura.

O arsenal teórico disponível hoje, inimaginável no Brasil há 10 anos atrás nos indica com clareza quais os princípios e a fundamentação de um programa de Educação Física. Este conhecimento foi acumulado principalmente nas sub-disciplinas que compõem a Educação Física enquanto disciplina acadêmica ou ciência da motricidade humana: biodinâmica, comportamento motor e estudos sócio-culturais. Falta ainda uma melhor interação destas sub-disciplinas. Tendo em vista a Educação Física Escolar, quem faz esta interação é a área de currículos e programas, que é deficiente na Educação Física brasileira e está em crise na Pedagogia, procurando novos modelos.²

Mas todo este arsenal teórico precisa passar pelo crivo da prática. Não teremos mais por onde teorizar se não realimentarmos as teorias com a vivência da prática. Espero que a próxima década seja de experimentação e de aproximação entre acadêmicos e profissionais. Sob o ponto de vista social mais amplo, a Educação Física seguirá o mesmo caminho que o desenvolvimento cultural e econômico do país, o mesmo valendo para a Escola Pública, que deve ser nossa preocupação prioritária, pois por ela passa a maior parte da população brasileira escolarizável. Teremos uma Educação Física desenvolvida na mesma medida em que tenhamos um país cultural e economicamente desenvolvido, com uma justa distribuição de riqueza, poder e saber, e uma Escola Pública dotada dos meios e recursos que asseguram sua qualidade. Uma teoria da Educação Física desenvolvida não basta, é preciso que tenhamos uma prática social da Educação Física desenvolvida. Mal comparando, temos no país uma Odontologia avançada e sofisticada, mas o Brasil é um país de desdentados...

Por fim, a recente reformulação dos currículos de formação de profissionais em Educação Física, e a excelente competência técnica e compromisso social com que se tem formado a nova geração de professores oriundos de algumas Universidades do Estado de São Paulo, que sem dúvida estão na vanguarda do processo de mudança, fazem antever para nossos filhos uma Educação Física melhor do que a nossa.

Muitas das colocações aqui feitas Não são perspectivas, mas sugestões e tarefas a cumprir. Cabe-nos agir e apenas "a história, ciência total, confirmará estes resultados" (Lyotard, 1986, p.86).

NOTAS

¹ Nada impede que o professor tenha, em muitos momentos, uma preocupação prioritária com a aprendizagem dos movimentos em si (educação do movimento). Não há aí incoerência, já que a relação com a educação pelo movimento é dialética, e portanto admite a contradição. Para esclarecer este ponto, ver a didática obra de Leandro Konder, *O que é dialética*, São Paulo, Brasiliense, 1981.

² Sobre esta questão, ver DOMINGUES, J.L. Interesses humanos e paradigmas curriculares. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 67 (156): 351-66, 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVRAMENKO, V.A. A lesson of physical education and the promotion of a health mode of living among schoolchildren. In: CAND. OF PED. SC. & VINOGRADOV, P.A. Reports of the national scientific and practical conference: physical culture and healthy life stile. Moscou, USSR State Committee of physical culture and sport, All-Union Research Institute of Physical Culture, 1990.
- CAVIGLIOLI, B. Sport et adolescents. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1976.
- DEMEL, M. Integração da educação física na educação. Boletim da FIEP, v.48, n.3; p.56-7, 1978.
- FARIA JÚNIOR, A.G. Didática da educação física: formulação de objetivos. Rio de Janeiro, Interamericana, 1981.
- _____. Educação física e promoção da saúde. In: CONGRESSO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA, SOCIOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA COMPARADA, 1., Rio de Janeiro, 1990. p 48.
- FEIO, N. Desporto e política: ensaios para sua compreensão. Lisboa, Compendium, s.d.
- FREIRE, J.B. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. Campinas, Scipione, 1989.
- _____. As relações entre o fazer e compreender na prática da educação física. São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- KRAWCZYK, Z. Sport and culture. International Review of Sport Sociology, v 15, n.3-4, p.7-8, 1980.
- LYOTARD, J.F. A fenomenologia. Lisboa, Edições 70, 1986. (Biblioteca Básica de Filosofia, 5).
- MAHEU, R. Desporto e cultura. Revista Brasileira de Educação Física, n.13, p.49-55, 1973.
- PEREIRA, F.M. Dialética da cultura física: introdução à crítica da educação física, do esporte e da recreação. São Paulo, Ícone, 1988.
- SIMRI, U. Diversidade dos conceitos de educação física e sua influência sobre seus objetivos. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, n.40, p.39-43, 1979.
- TANI, G. Educação física na pré-escola e nas quatro primeiras séries do primeiro grau; uma abordagem de desenvolvimento I. Kinesis, v.3, n.1, p. 19-41, 1987.
- TANI, G. et alii. Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.